

OCCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 634	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	5950	8120	5 DE AGOSTO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa sem luz. É o grande acontecimento. N'umas ruas accendem-se tarde os primeiros candieiros, n'outras apagam-os muito cedo. Anda tudo ás apalpadellas, e furiosos os logistas; mas para a maior parte da gente é tudo isso indifferente e como é assumpto para se poder dar em alguem, no governo, na camara municipal, na companhia ou nos grévistas, afinal ainda se anda contente.

O anoitecer é tal qual a madrugada. Uma pequenina differença; em vez de aclarar, escurece. É a meia volta á esquerda, explicada pelo sargento, que é tal qual a meia volta á direita, com a differença de ser exactamente o contrario.

O espirito desenvolveu-se na capital em meio da escuridão. Muitos pensaram em fazer uma coisa engracada, de véras original. Uma genial idéa! Mas os muitos pensaram todos como um só e sahiram com balõesinhos. Uma semsaboria a que acharam muita graça.

Emfim sempre ajudaram a illuminação que, se não fossem elles, ficaria reduzida á das nossas excelsas luminarias conhecidas na sciencia, artes, letras e politica.

Um ou outro candieiro acceso tinha um aspecto funebre. Se dentro d'alguma casa fronteira sahia luz pela janella, o candieiro projectava na parede opposta uma sombra enorme, negra, enguiçante, de tocheiro.

Essas rarissimas e fraquissimas luzes só serviam para deixar ver as trevas opacas. A cidade era soturna, ainda mais com certeza do que nos antigos tempos dos candieiros de azeite mandados collocar pelo celebre Pina Manique. Quando fazia vento, as lampadas dançavam e sobre as calçadas havia danças de sombras phantasticas.

Em volta do Palacio de Mafra mandaram agora collocar outra vez esses velhos candieiros tão pittorescos e cuja luz de azeite, muito branca e serena, tão bem deve destacar n'aquellas enormes paredes de cantaria, poeticamente revestidas de musgos verde-negros.

No seculo das luzes temos a capital ás escuras.

Por outro lado se está tratando d'isso ou coisa parecida: illuminações interiores, visto o chavão velhissimo da luz da instrucção. Esta parece que está sendo derramada a flux, pois que nem em noite de primeira recita em D. Maria, nem em toirada do Guerita no Campo Pequeno, vimos tamanha affluencia de gente como nos primeiros exames de instrucção primaria no lyceu de Lisboa.

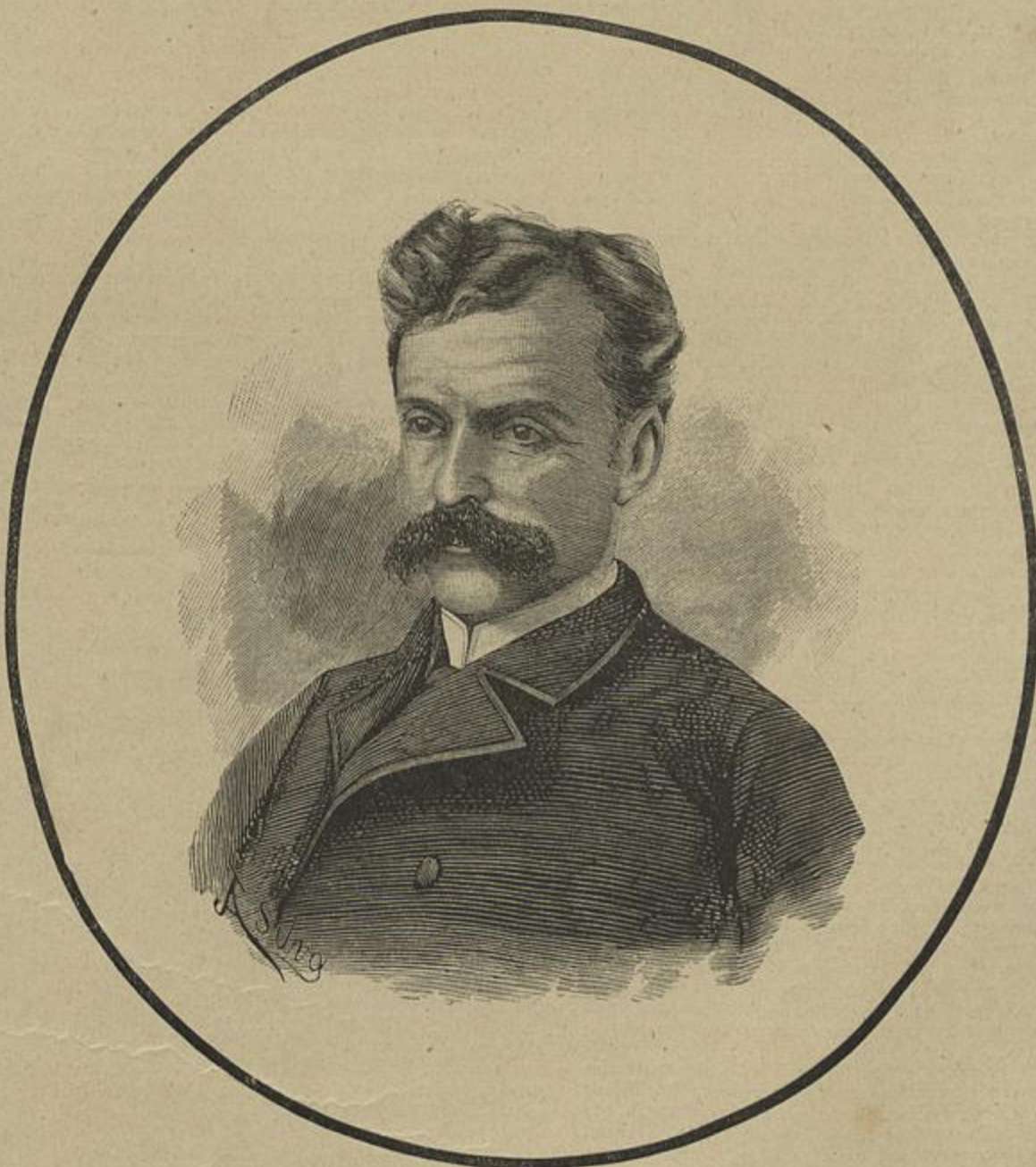
Uma casa cheia, a fazer tremer de inveja um beneficiado. Eram os pequenitos, eram as pequeninas, os manos e as manas, os tios e as tias, os papás e as mamãs, os mestres e as mestras, os perfeitos e as ajudantes. O pateo cheio, a escada cheia, as casas de entrada cheias, as salas dos exames atulhadas.

E todos aquelles corações batiam e os rostos mostravam anciedade.

Ah! máu tempo! máu tempo! E o pequenino que traz para casa a gloria ou que nos dá o primeiro desgosto! E é ver aquellas caras afflictas, anciosas, querendo suggestionar o ente querido, que ali está sentado, pela primeira vez a mostrar que ha de ser um homem, dando o seu primeiro passo na vida!

E á pergunta do professor, os paes, os tios, os

mestres tambem respondem baixinho, cá dos bancos, longe, d'onde os pequenos os não podem ouvir. Elles sabem o que o pequeno sabe e é uma afflicção quando vem uma pergunta a que se advinha em resposta uma mudez significativa. E o que o pequenino sabia e não disse, nervoso, atrapalhado! O que elle ainda hontem sabia perfeitamente, que se lhe tinha explicado tão bem! E nada! E depois a espera pela decisão, o erro de orthographia no thema, que pode deitar tudo a



RODRIGUES DE FREITAS — FALLECIDO EM 28 DE JULHO DE 1896

(Copia de uma photographia)

perder! Não se dorme, não se come! Ah! máo tempo! máo tempo!

É preciso ter caridade com as crianças e com os pobres paes também!

Felizmente a bitola dos exames está d'esta vez muito baixa. É assim que se diz em gíria do professor. No primeiro dia de exames, foram quasi todos approvados. Que tamanha alegria em tantas casas!

A ultima reforma dos estudos, combatida por uns e exaltada por outros, e cujos effeitos só mais tarde poderão ser avaliados, trouxe-nos comtudo o convencimento de que finalmente alguém se havia lembrado que os cerebrosinhos delicados não devem ser obrigados a uma gymnastica brutal.

A melhor forma de ensinar crianças será a mais carinhosa. Assim o pensou Castilho assim o soube fazer João de Deus. E' que elles tinham filhos e uma alma dulcíssima como poetas que eram. Chegava a ser uma crueldade obrigar crianças de nove annos a encher a cabeça de nomes barbaros, cheios de th th e yy e ph ph, que são como espinhos que ferem. Elles, coitadinhos, que vão para a escola com o seu muito requequeno dictionario, e meia duzia de termos de que se servem com os paes em as suas conversações de amor!

Mas está a acabar o máo tempo. Os mais velhos já estão em férias. Falta apenas a petizada.

Ah! boas alegrias! Depois de tanta noite mal dormida, peor vamos passar as manhãs, que aquillo, mal rompe o sol, começa logo em casa a chilreada!

Mas antes assim. As alvoradas querem-se com as alvoradas. Haja alegria.

Os de fóra recolhem finalmente a suas casas depois de tão longa ausencia. Leva-os o comboio por ahí fóra. Que alegria ao romper da manhã, quando os campos começam a ser conhecidos! A chegada á estação, que alegria! Parece até que as arvores, os vallados, a estrada por ahí fóra entre os pinhaes, as casitas brancas ao longe, tudo está a rir: — «Parabens! Parabens!» E os parentes velhos que não viam o estudantesinho, o sr. doutor, desde o anno passado! É o bom tempo das fructas; os pomares estão carregadinhos! O almoço está á espera. É o bom pão de casa, a agua ali da fonte!

Os que ficam em Lisboa vê-os a gente ahí animar essas ruas, esses passeios, com as mamãs e os paes ao lado, trempes orgulhosas, dando a boa nova a todos.

E nos collegios ficam sósinhos, no mesmo regimen, os perfectos e os pretos.

Coitadinhos dos pretos!

Toca a divertir, rapazes! Outubro, que para nós vem tão perto, vem para vocês muito loage, que o tempo, quando se é criança, vai tão devagarinho, que precisa depois recuperar o que perdeu em velocidade.

Crianças com tudo se divertem, d'uma cana fazem um cavallo fogoso e d'um travesseroi uma boneca linda. Mas, se os paes quizerem, levem-os á feira de Belem. Ella ahí está, a grande tentação, finalmente aberta. Por signal que chovia a potes n'essa noite escura, sem luz de gaz nem lua, em que ella se inaugurou.

Os feirantes andam com pouca sorte. Em Alcantara um pé de vento levou-lhes as barracas, e em Belem, no primeiro domingo, acharam-se ás escuras, debaixo d'uma carga d'agua.

E se pouco mais ha onde as crianças achem, fóra das suas maravilhosas fantasias, em que posam divertir-se, nem por isso a gente grande, como ellas dizem, se encontra muito melhor a esse respeito.

Lisboa vê-se escassa de divertimentos, reduzida como está aos theatros da Trindade e Principe Real.

Mas esses deram no vinte. Tantos espectaculos tantas enchentes.

A peça de Eduardo Schwalbach agradou em cheio, bem como a musica de Augusto Machado e Thomaz Del Negro e o desempenho dos actores. Fóra facil prophetisal-o e não é preciso ser nenhum Noherlesoon para assecurar bom tempo no predio por estas primeiras trez ou quatro quinzenas. Nem a falta de gaz, nem o receio dos ladrões na volta pela charneca do Chiado, impediram que os paes de familia lá levassem mulheres e prole e enchessem no domingo todos os camarotes.

A primeira recita foi um verdadeiro triumpho para o auctor, maestros e interpretes dos *Filhos do Capitão Mór*. Raras vezes assistimos a tão grande numero de chamadas como todos tiveram, os já consagrados e os quasi estreiantes, como Luz Velloso e Maria Costa, que em dois pequeninos papeis revelaram aptidões de primeira ordem.

Acredito muito pouco nos concursos abertos por diferentes jornaes para saber qual é o pri-

meiro em qualquer ramo de letras ou artes. Basta dizer que cada um pode votar em si mesmo quantas vezes quizer. Mas, mesmo suppondo lealdade e intelligencia nos votantes anonymos, para que nos serve saber quem é o primeiro actor ou actriz? Querem um concurso? — Qual é a actriz nova que revela maiores aptidões para o drama? Qual para a comedia? Qual para a opera comica? — Ao menos assim, sempre animavam alguém... ainda que fosse mentira.

Não sei porquê, pareceu-me ouvir aqui a voz do José Ricardo a dizer: — Tambem digo!

Nem a falta do gaz prejudicou as recitas da já famosa operetta. Lá conseguiram no domingo illuminar o theatro a petroleo e tiveram uma enchente á cunha.

O mesmo não succedeu ao theatro do Principe Real, onde devia representar-se o *José João*, a teliçissima parodia de Esculapio ao drama de Joaquim Dicenta. A casa estava completamente vendida e o camaroteiro teve que dar o dinheiro que atulhava o cofre.

Questão de macaca.

E o José Ricardo: — «Tambem digo!»

João da Camara.

RODRIGUES DE FREITAS

Individualidade tinha-a como poucos.

Caracter integro recordava aquella velha tempera dos portuguezes, que tão bem souberam honrar a terra em que nasceram e a bandeira immaculada que a representava.

Foi um, senão o primeiro, que fez conhecer lá fóra que Portugal possuía em economia politica alguém que hombraava com os maiores sabios da Europa.

Rodrigues de Freitas era um d'estes homens de tracto affavel que dominam todos os espiritos delicados que se lhe abeiram. Pallido, olhar suave, mas profundo, como que nos empolgava ás primeiras palavras, tão conceituosas ellas eram, acompanhadas do sublinhado da sua physionomia insinuante.

Na camara dos deputados para onde fóra eleito pela cidade do Porto, chegava, por uma maneira toda sua, pelo modo habil porque eram postos os argumentos, a dominar os proprios adversarios.

Além da precisão com que eram elaborados os seus patrioticos e monumentaes discursos, tinha raptos de eloquencia que arrancavam murmúrios de admiração enlevada na magia da sua voz, no vigor da gestulação, a toda uma camara inteiramente hostil ás suas idéas, — porque Rodrigues de Freitas, n'uma legislatura, era o unico republicano n'uma assemblea totalmente monarchica!

Foi mais que um homem honrado, foi mais que um homem util ao seu paiz e ao seu tempo:

— *Foi um Homem!* como disse a rainha de Castella do nosso grande D. João II.

E quem visse aquelle corpo franzino, aquella pallidez germanando com a da morte, não podia crer na vida, na energia, na força de vontade que ali residia!

E fazem-nos tanta falta homens assim...

Seja qual fór a bandeira, cuja lança elles empunham, por isso que, mesmo que as côres não sejam as mesmas, ha uma que é igual para todos — a bandeira da Patria!

Essa soube elle alteal a, e bem firme, como ninguem.

Somos insuspeitos, fallando assim, porque a nossa não é de côr igual á d'elle.

Nasceu em 24 de janeiro de 1840, na cidade do Porto.

Contava 56 annos José Joaquim Rodrigues de Freitas, ao dia do seu fallecimento.

Estudante premiado em todos os annos do seu curso de engenharia, era professor proprietario das cadeiras de commercio e economia politica, desde 1867, na Academia Polytechnica do Porto.

Como jornalista deixa interessantes trabalhos nos periodicos: *Pedro V, Ecco Popular, Correspondencia de Portugal, Jornal do Commercio, Seculo, Commercio do Porto, etc.*

As mais conhecidas das suas obras são:

A Igreja, Cavour e Portugal, Breves reflexões sobre a questão bancaria, Discurso pronunciado na Academia Polytechnica do Porto no dia 1 de outubro de 1867, Discursos parlamentares proferidos na camara dos deputados, Crise monetaria e politica de 1876, Notice sur le Portugal, Economia

politica, Portugal contemporaneo de Oliveira Martins, etc.

Rodrigues de Freitas tinha feito, no dizer de alguns jornaes, testamento em 14 de janeiro de 1893, onde se diz que deseja ser enterrado civilmente, affirmando comtudo a sua crença em Deus.

Deixa legados importantes a estabelecimentos de instrucção e de beneficencia.

D'elle dizia um erudito, o sr. barão de S. Clemente, nas *Estatisticas e biographias parlamentares portuguezas*:

«Rodrigues de Freitas discutia com grande tranquillidade de animo e occupava-se strictamente do assumpto para que pedia e obtinha a palavra.»

É de peso e grande auctoridade este dizer do sr. barão de S. Clemente, porquanto este erudito escriptor e honestissimo funcionario publico era de politica opposta ás idéas de Rodrigues de Freitas, e era tão considerado por todos que frequentavam as camaras legislativas, que os deputados de todas as côres o consultavam com uma absoluta confiança nas suas informações.

Ainda na mesma publicação, o sr. barão de S. Clemente diz:

«Jámais a paixão partidaria o guiou na manifestação do seu pensamento e do seu voto; fazia-o com a mais completa isenção e desprendimento.

«Teve sempre deante de si os ministros, e só os ministros, para os accusar, censurar ou louvar, segundo o seu proceder nos actos governativos, e nada mais.

«Os projectos que vinham á tela parlamentar, discutia-os pelo que assim eram e não pela origem d'elles.

«Expressava-se franca, clara e distinctamente, dizendo o que sentia e reputava a bem da sua Patria

«Professava principios politicos um pouco avancados, que defendia com desassombro, coragem e dignidade.

«A analyse das medidas submettidas á apreciação das côrtes, era feita com rigor, mas, ao mesmo tempo, com a maior e mais completa imparcialidade.

«Os seus discursos, apezar de, por vezes, serem um tanto acrimoniosos, mas sempre respeitosos, eram escutados com attenção e ouvidos com cuidado, e aos quaes não era muito facil dar satisfatoria e completa resposta.»

São insuspeitas as palavras do sr. barão de S. Clemente, mas, o proprio Rodrigues de Freitas se definiu em sessão parlamentar de 18 de maio de 1874 por este modo:

— Professor e escriptor, vim para aqui, e do officio de professor e escriptor sei construir a minha independencia e espero mantel-a sempre como a tenho sustentado até agora. Sou dos que creem na energia e na iniciativa individual; sou dos que teem confiança no trabalho proprio (*appoiados*). Não preciso mendigar nada das intrigas politicas, as quaes eu abomino e detesto. A minha democracia não tem ambições.

Foi um collaborador assiduo, sendo republicano, de duas notaveis folhas monarchicas, *O commercio do Porto* e *Jornal do Commercio*, de Lisboa; o paradoxo é explicado pelo *Jornal do Commercio*, dizendo que Rodrigues de Freitas foi sempre tolerantissimo para com as idéas politicas dos outros, e a sua primorosa educação não permitia ferir susceptibilidades dos adversarios, limitando-se a expôr e discutir as questões de administração publica.

Tal foi o homem, o politico e o escriptor...

Manuel Barradas.



AS NOSSAS GRAVURAS

O ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

E AS OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

No anno de 1856 vivia na pittoresca villa de Castello de Vide, a Cintra do Alemtejo, como acertadamente a appellidou el rei D. Pedro V, o

dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, descendente de uma das mais nobres famílias d'aquella provincia.

Quasi todos os seus irmãos e elle proprio foram atacados da terrivel enfermidade — a cegueira. O dr. Juzarte Sameiro, depois de se sujeitar a uma operação, conseguiu recuperar a vista.

Na desgraça dos irmãos e na d'elle aprendeu a compadecer se dos companheiros do infortunio, ficou sabendo por experiencia propria quão lastimavel é a sorte dos infelizes cegos, e por isso concebeu o grandioso e caritativo projecto de instituir o primeiro asylo para cegos de ambos os sexos, que se estabeleceu em Portugal.

Em tão piedosa determinação era-lhe obstaculo a falta de edificio em que estabelecesse os cegos.

O governo então, por portaria de 18 de abril de 1856, auctorizou a mesa da Misericórdia d'aquella villa a ceder a tão benemerito cidadão, a parte do edificio de que carecia para estabelecer o asylo, louvando procedimento tão bizarro quão piedoso.

Mas só a 20 de Julho de 1863, pòde inaugurar o asylo, commemorando o 1.º anniversario da sua viuvez, rodeado da sua nova familia.

Cuidou depois de redigir os estatutos, que foram sancionados por decreto de 25 de outubro de 1866.

Escreptos os estatutos, mandou lavrar o testamento e o mais que respeitava á instituição do asylo, no começo de junho de 1863; e sessenta dias depois já não pertencia a este mundo!

O dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro dotou o asylo com toda a sua riqueza, que orçava por noventa contos de réis em bens de raiz, e deixou a seu benemerito irmão José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro o muito especial e espinhoso encargo de administrar e consolidar o patrimonio dos cegos, que eram todos os seus affectos.

Logo depois do fallecimento do dr. João Diogo, seu irmão entrou no cuidado da administração e consolidação do asylo, elevando a vinte e tres o numero dos asylados e fazendo a aquisição do Convento de S. Francisco, em Castello de Vide.

Este edificio forma um quadrado com um claustro no centro, guarnecido de boas columnas de pedra.

No pavimento inferior estão os dormitórios e o refeitório para os cegos. Ha differentes camaratas para os cegos de diversas edades: os adultos ficam completamente separados dos cegos de menor idade.

O gabinete da direcção, a secretaria do asylo, as aulas de instrução primaria, secundaria e de musica estão installadas n'este pavimento.

No primeiro andar acham-se os dormitórios e o refeitório das cegas; as enfermarias, a cosinha, a dispensa e a sala de visitas.

Em ambos os andares ha salas com fogões, para conversação, durante o inverno.

Ao lado norte do edificio, fica-lhe contigua a igreja, que é hoje propriedade tambem do asylo, onde os cegos vão ouvir missa e assistir ás festividades religiosas, que elles abrilhantam com a musica por elles tocada.

Do lado sul existem espaçosos jardins, os quaes agora foram augmentados com todo o terreno do antigo cemiterio da villa. N'esses jardins passeiam os cegos livremente a todas as horas do dia.

O asylo tem capacidade para mais de cem asylados; mas os rendimentos não permitem, por ora, que o numero seja superior a quarenta e tres.

Para este edificio, onde ainda hoje está estabelecido o Asylo, foram os ceguinhos transferidos em 22 de outubro de 1867.

Em reconhecimento da dedicação e dos serviços prestados á causa da caridade por José Godinho Sameiro, o governo condecorou-o n'essa occasião com a commenda da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Durante todo o resto da sua vida continuou este bemfeitor dos cegos a sua obra meritória.

Quando este benemerito falleceu, foi a administração do asylo entregue á Congregação do Coração de Jesus, d'aquella villa, que elege bi-anualmente as direcções, que tem sabido desempenhar com bastante zelo o seu espinhoso encargo.

De todas, porém, a que mais se distinguiu, dando um grande impulso a este caritativo estabelecimento, foi a actual de que é presidente o notavel medico o sr. dr. Aniceto de Oliveira Xavier, secretario, o sr. Antonio José Ferreira da Trindade, thesoureiro, o sr. José de Assumpção Mimoso, e vogaes, os srs. Henrique do Carmo Gonçalves e Antonio José Repenicado.

Esta direcção pensou que as creanças cegas tinham direito a receber educação e instrução, que lhes minorasse a sua desgraça.

Com o auxilio do regente e actual administra-

dor do asylo, o padre Severino Diniz Porto, deu ella um grande desenvolvimento ás aulas instituidas por este benemerito professor. Os brilhantes resultados do seu trabalho, no tempo limitadissimo de menos de dois annos, durante os quaes já levou a exame no lyceu de Portalegre dois dos seus alumnos e já preparou mais tres, que hão de ser examinados n'aquelle lyceu, no proximo sabado 8 do corrente, são dignos do maior elogio e merecem ser relatados na historia da instrucção em Portugal.

O processo empregado por este illustre professor é o mesmo que é usado na *Institution Nationale des Jeunes Aveugles*, de Paris, no *Royal Normal College for the Blind*, de Londres, e em todas as escolas de cegos do mundo: o *Systema Braille*.

Para a comunicação entre os cegos e os videntes adopta o systema *Braille-Ballu*, tambem usado no Instituto de Paris.

A arithmetica é ensinada por meio do *Cubarithmo*, prodigiosa invenção do actual director do Instituto Nacional dos Cegos de Paris, M. E. Martin.

A todos os cegos ensina, depois da instrucção primaria, a lingua franceza, a portugueza, geographia e historia, em summa, ás disciplinas lyceaes.

Foi ha annos creado no asylo o ensino da musica.

E' assombroso o modo como todos os alumnos musicos desempenham o seu vasto repertorio, constituído na maior parte, por trechos de operas e de musica classica.

Tinha sido já constituída uma fanfarra, mas a actual direcção quiz desenvolver este ensino e adquiriu os instrumentos precisos para formar uma orchestra.

Não foram só esses os serviços prestados ao asylo, pela actual direcção.

Nos fins do anno passado convidou a Branco Rodrigues, redactor do *Jornal dos Cegos* e membro da commissão encarregada pelo governo da organização do ensino dos cegos, para ir visitar aquelle estabelecimento.

Branco Rodrigues, accetando o amavel convite, foi a Castello de Vide. Elogiou os trabalhos da direcção e do benemerito iniciador do ensino dos cegos, o padre Severino Porto; mas lembrou que os cegos, por mais desenvolvida que fosse a sua educação litteraria e musical, estavam ali condemnados a uma clausura perpetua; e que, á imitação do que se pratica no estrangeiro, as creanças deviam receber o ensino professional, que as habilitasse a ganharem os meios de subsistencia.

Os alumnos, quando atingissem certa idade, podiam sair do asylo, com um peculio obtido com o producto do seu trabalho, feito dentro do asylo, e assim dariam lugar á entrada de novos cegos.

Um dos directores actuaes, o sr. Antonio José Repenicado, abraçando a idea d'aquelle professor, offereceu immediatamente o capital necessario para a instituição das officinas e deu logo de seu bolso a quantia de 100:000 réis, para aquelle fim.

A direcção accetou o offerecimento do seu collega e approvou unanimemente a proposta para que essas officinas fossem denominadas: *Officinas Branco Rodrigues*.

Sendo a industria local mais lucrativa a do fabrico de canastras, para a exportação de carnes, de sal, de peixe etc., porque n'aquella região abundam os castanheiros, decidiu-se que se ensinasse aos cegos aquelle officio, assaz rendoso.

Desde a data da fundação das officinas 16, de dezembro de 1895, até hoje, tem sido enorme o numero de encomendas, obtidas pelo depositario em Lisboa, o sr. Joaquim Antonio Pacheco, proprietario da Livraria Catholica, que generosamente se offereceu para prestar aquelle serviço.

Para consolidar esta recente instituição, a unica que existe no nosso paiz, Branco Rodrigues offereceu á direcção do asylo, a edição da sua revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos, o *Jornal dos Cegos*; e por isso a importancia total das assignaturas e da venda d'este periodico reverte a favor das officinas.

A direcção va applicar parte d'essa importancia para a construção de um edificio proprio para as officinas, que hoje estão installadas em uma dependencia do asylo.

Para coroar os seus trabalhos, a actual direcção acaba de prestar uma honrosa homenagem ao benemerito instituidor do Asylo dos Cegos, o dr. João Diogo Juzarte Sequeira Sameiro.

Erigitu-lhe na capella do Asylo um mausoleu, para onde, no dia 20 de julho ultimo, 33.º anni-

versario da inauguração d'este piedoso estabelecimento, foram trasladados os restos mortaes d'aquelle inclito varão e de sua nobre familia.

Foi uma festa imponente e magestosa.

Convidou para este fim as auctoridades, as corporações religiosas e civis da localidade, a imprensa de Lisboa, que esteve representada pelos correspondentes do *Diario de Noticias*, do *Seculo*, do *Antonio Maria*, do *Branco e Negro* e do *Occidente*, que fizeram parte do cortejo, que do antigo cemiterio da villa, acompanhou aquellas preciosas cinzas, para a igreja do asylo.

As philarmonicas da villa e a fanfarra dos cegos seguiram o feretro, á passagem do qual assistiam mais de tres mil pessoas.

A' porta da igreja Branco Rodrigues pronunciou um discurso enaltecendo a obra grandiosa do benemerito Juzarte Sameiro, e os trabalhos meritorios da actual direcção.

Seguiu-se-lhe o presidente da direcção, o dr. Aniceto d'Oliveira Xavier, que, em um eloquente discurso, affirmou que se devia só ao orador que o precedera a magestosa homenagem, que se prestava ao benemerito instituidor do asylo.

Depois deram entrada na igreja os restos mortaes do dr. Juzarte Sameiro e de sua familia, que foram collocados em uma eça erigida no centro da igreja.

Foi então cantada uma missa de *requiem* e os alumnos cegos desempenharam magistralmente a parte instrumental.

O notavel orador sagrado dr. José d'Oliveira, professor do seminario de Bragança subiu ao puiltro e fez o elogio dos nobres instituidores do asylo, e dos seus continuadores. Enalteceu os trabalhos de Branco Rodrigues, por ser o maior propulsor do ensino e da protecção aos cegos, no nosso paiz.

Os cegos entoaram, em seguida, um *libera-me*, findo o qual foram depositos no mausoleu os restos mortaes da nobre familia Sequeira Sameiro.

N'esse momento o sr. Severino Porto, que se achava bastante doente, fez um curto mas eloquente discurso em que exaltou a obra do instituidor do asylo, e dos que contribuíam para a prosperidade d'esta instituição.

É digna por estes factos dos mais levantados elogios a prestimosa direcção d'este estabelecimento, pelo modo como tem sabido desempenhar o seu encargo.

Bom será que os governos auxiliem esta instituição, já que, infelizmente, Portugal é o unico paiz da Europa, onde não ha um só estabelecimento do Estado, destinado aos infelizes cegos!

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Baretti, traducidas do italiano

XVII

Vendas Novas, 18 de setembro de 1760.

Soffre-se, mas não se morre. O colchão que o Baptista prudentemente comprou para mim não pode dizer-se que seja uma cama de noivos; comtudo, a noite passada, em Aldeia Gallega, tive modo de sonhar n'esse colchão que estava já fora de Portugal. Com paciencia, qualquer dia o sonho se realizará. Esta manhã, ás sete horas por Franca, entrei na caleça puxada por uma valente parelha de machos que dentro de duas semanas tem de levar o sr. Eduardo e a mim até Madrid. Deu bastante que fazer ao caleceiro pôr o das varas debaixo do seu peso, por ser animal novo e forte, e estar folgado ha muitos dias, tendo sido necessario primeiramente peal-o bem. Tiradas as peias, andou uma milha como se fosse o diabo quando leva para casa algum usurario. Mas, aquella furia passada, o feroz macho começou a ficar manso, e a caminhar tão socegado que a caleça do meu Baptista e a de um padre dominico, que seguia a mesma estrada, nos apanharam; e d'esta maneira as tres caleças, uma apoz outra, continuaram placidamente a viagem. A sahida de Aldeia Gallega, durante a milha que se andou a mata-cavillos, observei, aqui e alli, que todo o terreno, quanto a vista podia alcançar, era inteiramente plantado de videiras. Em seguida entrámos n'uma região que me trouxe á memoria a descripção, feita por Lucano no livro 1x da sua *Pharsalia*, da viagem de Catião a Utica. Exceptuando as serpentes, as hemorrhoides, os che-

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE



OFFICINAS «BRANCO RODRIGUES»

FABRICAÇÃO DE ESCOVAS PELOS ALUMNOS CEGOS — OS INSTITUIDORES DAS OFFICINAS SRS. ANTONIO REPENICADO E BRANCO RODRIGUES

a escadaria do palacio real de Turim, mais os dois de bronze que estão na praça de Placencia, e mais ainda o de Troia, que não era de marmore nem de bronze, mas de pau. Não sei a que sabia o peixe e a sôpa, porque fiquei farto só com o cheiro, e quiz recorrer ao farnel que havíamos trazido de Lisboa, e ás uvas de Aldeia Gallega, de que tínhamos um cesto cheio. Depois do jantar, percorridas mais tres leguas de caminho, chegámos aqui, sempre por um deserto de areia. Estas oito leguas que andámos hoje fazem bem vinte e cinco milhas das nossas: e, a não ser a celebre capital dos referidos Pegões, não se vê nenhuma casa em tão vasta extensão de terreno. Imaginae que abundancia de população! Pelo caminho não vi outros seres vivos, senão dez ou doze passaritos, sete ou oito cabras, outros tantos porcos, e talvez cinco ou seis viandantes com os seus machos e burros. De rios, regatos, nascentes e outras delicias semelhantes, por aqui nem signal. E esta solidão constante, sem a gente vêr mais do que os taes arbustos e pinheiros, nem ouvir mais do que aquellas tristes cantilenas dos nossos arrieiros ou caleceiros, como aqui lhes chamam, acompanhados da musica suave dos guizos e campainhas dos machos, com um sol que reverbera tão ardente d'aquelle areal perpetuo; tudo isto junto, digo, torna o viajar tão penoso que é preciso de certo haver uma ancia extrema de vêr mundo para supportar tanto incommodo sem perder o animo. E, depois, á noite, para reparar os damnos, lá veem estas malditas estala-



GRUPO DE CEGAS ASYLADAS



GRUPO DE CEGOS ASYLADOS

lydros, os cenchros, as scytalas, as amphisbenas, os paréas, os basiliscos, os dragões e outros habitantes da Lybia que Catão viu n'aquella região, e que eu não vi n'esta, em tudo o mais me parece haver muita semelhança, porque de Aldeia Gallega até Vendas Novas o que afistei era tudo coberto de arbustos silvestres, e, aqui e alli, algum pinheiro, á excepção, porém, d'aquella milha de vinhedos a que me referi acima. O caminho, assaz arenoso, é muito fatigante para os animaes e para quem viaja pedestremente. A uma hora depois do meio dia chegámos á estalagem, isto é, ao lugar onde se pára. E com razão chamam os portuguezes a estes logares estalagens, porque ha n'elles estabulos¹ para os machos, mas para christãos não é cousa digna do honrado nome de hospedaria. Aquella em que nos apeámos para jantar chama-se os Pegões, e dista cinco leguas de Aldeia Gallega. N'este lugar dos Pegões ha dois edificios construidos a modo de casas, que poderiam talvez chamar-se assim, se tivessem quartos e salas e portas, e janellas e mezas e cadeiras, e leitos e outras cousas d'esta natureza. Aqui encontramos algum peixe, que foi salgado não antes de apodrecer, sim depois. E com o tal peixe veio tambem para a mesa uma sôpa de grão de bico temperado com azeite rançoso, que bastaria para envenenar o cavallo de marmore que adorna



OFFICINAS «BRANCO RODRIGUES»

ALUMNOS CEGOS FABRICANDO CANASTRAS

(Copias de photographias do photographo amador sr. Silvestre Jacintho Nunes)

¹ A semelhança das palavras stallage stalla (estabulo) é maior em italiano do que em portuguez.



ROCIO DE CASTELLO DE VIDE
(Copia de uma photographia do sr. Mimoso)



CASTELLO DE VIDE
(Copia de uma photographia do sr. Perez)

gens que acabam de nos desfazer completamente. Resta, contudo, a esperança de que um dia estarei em minha casa com os meus irmãos, e os dias então hão de parecer horas, e quando o sol se tiver sumido de todo, farei voltar os ossos ao seu lugar n'um leito christão, se Deus permittir que eu continue a salvamento o resto da viagem, como tenho feito de Londres até aqui. Quando me apeei esta noite da caleça, fui vêr por fóra uma casa baixa, mas do comprimento de seiscentos passos dos meus, que pertence ao rei fidelíssimo. Um dos lados d'esta casa (porque palacio não se lhe pode chamar) está por acabar. É raro aqui vêr o rei, e não creio que jámais a mande concluir, por estar em mau sitio, sem jardim e sem vista agradável. Não se pôde dizer a que architectura pertença, porque os muros são lisos, e não tem columna nenhuma. Nem as portas nem as janellas tem ornatos, e afóra o comprimento do edificio, nem merece que se olhe para elle. Dizem-me que a vinte leguas d'aqui sua magestade tem outra casa de campo, chamada Villa Viçosa, assaz magnifica e bella; mas, como seria necessario sahír da estrada algumas milhas para lá ir, e ficar por consequencia mais algumas horas em Portugal, não faço tenção de a vêr. Nas estalagens em que tive a desventura de ser constrangido a entrar, isto é, na Cabeça, em Mafra, em Cintra, e n'esta estrada de Hespanha não é possível referir a perseguição das mulheres que vos rodeiam e importunam, pedindo descaradamente que lhes deis algum dinheiro para comprar algum bocado de pão para os seus filhinhos e para ellas mesmas; e, quando lhes tendes feito a vontade, pedem-vos depois alguma cousa para a irmã e para a prima, ou ainda para os maridos, para os paes ou para as mães ou para o diabo que as leve. Encontrei nos Pegões uma d'estas impertinentes mulheres, que, vendo-me á meza, quiz primeiramente que lhe desse algum dinheiro, depois um pedaço da empada que havíamos trazido conosco, depois um pedaço do nosso queijo de Lodi, e depois uns doces de fructa, e depois alguma da nossa uva, e depois dois pães dos nossos; e depois queria ainda uma caixa pintada que eu trazia, depois um leque que eu tinha na mão, e não ha maneira de nos vermos livres d'ellas; se lhes dessemos um olho, logo nos pediriam o outro, e depois os trinta e dois dentes, e depois a pelle. E quando te apresentam a conta, parece que te demam a comer manjares de ouro, e a beber liquidos de prata, tal é a enormidade da somma. Seja dito isto para dar uma idéa da modestia e do acanhamento das mulheres do povo em Portugal. Os caleceiros, os estalajadeiros, e em geral todos os homens de humilde condição, se vos abaixam a falar com elles, respondem-vos com a cabeça descoberta, mas com familiaridade e franquezá fraternal, e não são nada envergonhados nem timidos. Recordo-me de que uma manhã em Lisboa mandei chamar um barbeiro para me fazer a barba. Entrou o cavalheiro sorrindo affavelmente, congratulando-se comigo pela minha vinda a Portugal, enquanto me punha a toalha, ensaboou-me a barba com muito phrenesi, depois de sorver com grande pachorra uma pitada de rapé que me pedira. E, ao passo que me barbeava, ia-me informando de muita cousa de que me suppunha ignorante; por exemplo, que em Portugal faz muito calor, que ha por aqui muita uva e muito figo; que ha peixe em abundancia, porque o mar está proximo, e que não ha falta de limões nem de laranjas. Disse-me depois que a navalha com que me raspava os pêlos da cara era um ferro de Barcelona. Feita a barba de um lado, parou e perguntou-me que juizo formava eu dos seus patricios; e, respondendo-lhe eu que os não conhecia ainda por ter chegado ha pouco, deu-me a saber que *os portuguezes são muito valorosos*; e basofiou-meia hora deante de mim com a navalha erguida, contando-me como os portuguezes foram sempre vencedores nas suas batalhas contra os hespanhoes, que todo o hespanhol treme como uma folha ao nome de portuguezes, e que basta um só portuguez para pôr em fuga meia duzia de hespanhoes, e outras que taes lampanas; nem houve modo d'elle se resolver a fazer-me a barba do lado esquerdo, como já tinha feito do direito, senão depois de haver-me aniquilado as duas Castellas. Gradassos e Rodamontes, como aquelle senhor barbeiro, ha tantos em Portugal que não é maior o numero dos pobretões e dos madraços; e de cem portuguezes não direi quantos sejam tidos n'essa conta. Todas as nações limitrophes se odeiam reciprocamente, e não conheço nenhuma na Europa que faça excepção a esta regra, a não ser o Milanez que não é odiado por nenhum dos seus visinhos. Mas o rancor que os portuguezes tem aos hespanhoes é tal que se assemelha á raiva, e os hespanhoes não votam

odio, mas desprezo aos portuguezes, dizendo d'elles em tom de proverbio: *Portuguezes pocos y locos*. Quanto a ladrões em Portugal, é fama que ha sufficiente quantidade. Esta manhã, no momento da partida, perguntei ao senhor dom Manuel, meu caleceiro, porque é que a caixa da sua caleça não tinha alguma especie de estribo sobre o qual se põe o pé, e toina mais facil o subir para ella. *Nesta terra furtam tudo*, respondeu-me elle. Esta sua laconica resposta servirá de aviso ao leitor; quero dizer que me fará ter cuidado no meu farnel, o que me foi recommendado em Lisboa por todos os que pretendem conhecer a plebe portugueza, a qual tem fama entre os proprios naturaes, não só entre os extranhos, de ser mais propensa a roubar o proximo do que os ciganos e os tartaros.—Mas as palpebras pesam-me, e sinto que tenho a nuca algum tanto escaldada demais pelo sol, e por isso vou pô-la sem ceia no meu abençoado colchão até o romper da alva, que não tardará tres horas que appareça. Adeus.

Alberto Telles.

POMBEIRO DA BEIRA

Acabo de ler, n'este momento, um livro de 128 paginas intitulado *Pombeiro da Beira. Memoria Historica, Descriptiva e Critica por Sanches de Frias. Ornada de estampas, segundo as photographias do auctor. Lisboa 1896*.

Esta obra é uma excellente monographia com que o sr. Visconde de Sanches de Frias acaba de dotar a historia e as letras patrias.

O livro, a que me refiro, é um consciencioso estudo, baseado nos seguintes elementos:

a) Origens — vida dos povos primitivos e suas tradições;

b) Chorographia — situação, limites, extensão, descripção topographica;

c) Geologia — natureza e composição do sólo, classificação de terrenos fosseis;

d) Archiologia — monumentos pintura, escultura, architectura, inscripções, vasos, moedas, medalhas, alfaias, utensilios;

e) Nobiliarchia — heraldica, nobiliarios, memorias genealogicas;

f) Diplomatica — tombo, foraes, titulos, diplomas, documentos;

g) Ethnographia — solares, chacaras, romances, contos, lendas costumes, tradições populares, etc., etc.

Este enunciado só por si basta para mostrar a importancia da obra. Vejamos, porém como o auctor tracta proficientemente cada uma das materias que constituem o livro.

a) ORIGENS

O sr. Visconde de Sanches de Frias começa por estabelecer a verdadeira historia do Pombeiro antigo, de modo a rectificar as inexactidões de alguns escriptores. D. José de Lacerda, por exemplo, chama-lhe villa, mas confundia com o Pombeiro minhoto, o que é um erro imperdoavel. Já Duarte Nunes de Leão mencionava a *villa de Pombeiro* na correição de Coimbra. (Veja-se *Descripção de Portugal*, pag. 12.)

Pinho Leal, que sustentou polemica escripta com o auctor, creio que coarctou alguma inexactidão, o que não admira. *O Portugal Antigo e Moderno* é uma obra vastissima: não podia deixar de conter erros. Uma carta que tenho presente, fallando-me d'aquelle livro, diz: «A obra tem lapsos, porque era humanamente impossível que os não tivesse uma obra de tanto folego, mas em compensação tem merecimento. É a chorographia mais completa que possuímos — e poucas nações estrangeiras terão uma chorographia analogia.»

Esta carta tem valor pelo nome que a firma e attenua as responsabilidades de Pinho Leal.

Taes erros, porém, corrige os, e muito bem, o sr. Sanches de Frias.

A conta de grandes escriptores antigos e modernos corriam diversas versões, que se misturavam e contradiziam sobre a historia da fundação de Pombeiro.

Essas lendas são completamente desfeitas O auctor reconhece por fim que, n'estas excavações historicas, perdidas na obscuridade dos tempos, não ha meio de conciliação possível.

Conclue-se facilmente que a origem de Pombeiro data da mais remota antiguidade.

b) CHOROGRAPHIA

Tratada da par com a historia no primeiro capitolo, esta parte não tem largo desenvolvimento.

Todavia o livro descreve a situação de Pombeiro, antiga villa e hoje pequenissima aldeia do concelho de Arganil, a este e a uns 30 kilometros da cidade de Coimbra, n'um monticulo que está na serra do Salgueiral.

Algumas linhas descriptivas sobre a topographia da serra e sua origem, sobre o rio que a banha e o accidentado da região, onde será difficil encontrar diz o auctor, um kilometro de planura.

Mais algumas informações sobre aquella região ouriçada de montanhas, e eis completa esta parte do livro.

c) GEOLOGIA

A natureza e composição do sólo era estudo que requeria particular cuidado. O auctor assim o reconheceu e dedicou-lhe um capitolo especial e muito instructivo.

Vê-se, quanto ao sólo, que ali predomina o ferro, o enxofre metalizado e fãuilhas auríferas no leito do rio.

As provas negativas da exploração das minas de chumbo, attribuida aos columbos, levam o auctor a julgar que isso não passa de méra invenção.

A tradição, para que elle se inclina, chama *Colubarria* á cidade e *Colombos* aos habitantes, que eram insignes creadores de pombos. D'aqui deriva provavelmente a palavra *Pombeiro*. Para designar minas de chumbo deveria chamar-se á cidade *plumbarria* ou *polumbarria*. Em abono d'esta opinião cita Rezende. Ao qual podia accrescentar-se Duarte Nunes, que, apoiado em Plínio, diz: «que ha tambem muito chumbo na cidade arruinada de Aremenha, que antigamente se chamava Medobriga, junto a serra da Estrella, cujos povos os romanos chamavam *Plumbarios*» (Veja-se *Descripção de Portugal*, pag. 97.)

A seguir entra o auctor na descripção das galerias subterraneas, a que chamam os *Furados*, duas grandes aberturas em rocha viva por onde escorre uma parte das aguas do Alva.

Sobre a origem e applicação d'estas construcções temos o depoimento de um illustre engenheiro, o fallecido Alexandre da Conceição, que as visitou propositadamente.

O sr. Sanches de Frias combate, porém, a opinião do mallogrado escriptor e funda-se em razões que me parecem convincentes.

Como se vê é interessante este capitolo.

d) ARCHEOLOGIA

N'esta parte do livro faz o auctor notar a falta de edificios antigos, habitações brazonadas, monumentos, ruínas ao menos que atestem a vetusta existencia da antiga habitação senhorial.

Pombeiro possuía de notavel: o pelourinho, a capella de S. Sebastião, e a casa da residencia parochial.

Tudo isto desapareceu, ou está prestes a desaparecer, n'um montão de ruínas.

Causa d'este vandalismo: a ignorancia e a falta de conhecimentos estheticos.

Agentes da destruição: os mandões sertanejos, praga daminha que enxameia por toda a parte.

Existe ainda um monumento: a igreja. Construcção do começo da renascença, a sua apparencia exterior é singella, mas contém interiormente muitas bellezas architectonicas, pinturas de estylo gothico e magnificas alfaias preciosas, que o auctor descreve. Ao lado direito da capella mór, o tumulo de Matheus da Cunha, no dizer do auctor o mais valioso padrão historico de Pombeiro.

Fóra da povoação: os *Furados*, o cipo romano e a capella da rainha santa.

Este capitolo, a que o auctor deu, como era mister, um largo desenvolvimento, é assaz curioso e interessantissimo.

e) NOBILIARCHIA

Rectificando uma falsa tradição oral, diz-nos o auctor que os donatarios de Pombeiro; investiga a arvore genealogica dos Cunhas; prossegue na dos Frias; e volta a occupar-se da dos Cunhas, com grande copia de informações, heraldicas e descripção dos brazões de familia.

Espraia-se por fim em considerações sobre a antiga nobreza de Pombeiro e causas da sua decadencia, que attribue á incuria, infidelidade e desleixo de successivas administrações.

Foi esta, de resto, a sorte de muitas casas opulentas da provincia da Beira.

f) DIPLOMATICAS

O *Livro do Tombo dos passaes da igreja*, restos do archivo parochial; e o foral concedido a Pombeiro por D. Manoel em 10 de novembro de 1513, são objecto de estudo n'este capitolo.

Parece que o archivo parochial deverá conter

papeis anteriores ao seculo XVI, mas infelizmente d'essa epocha nenhum documento existe.

Por aqui se póde calcular o que ira por as outras egrejas do paiz.

Pelo tombo vê se qual foi a antiga importancia da terra. Os senhores de Pombeiro nomeavam auctoridades e funcionarios seus. E' o que se deprehende do certificado passado por Diogo de Sequeira, tabellião publico judicial e nottas na villa de Pombeiro e seu termo pelo senhor D. Pedro de Castello Branco, senhor da dita villa, etc. (vid. pag. 88.)

Do foral dá-nos o sr. Sanches de Frias copia na integra com o medalhão da capa em gravura.

g) ETHNOGRAPHIA

N'esta ultima parte falla-nos o auctor do Pombeiro moderno e lastima o quadro triste e desolador que offerece a povoação, roida pela intriga e pela maledicencia.

As considerações, que faz a tal respeito, podiam generalisar-se e tornar-se extensivas a todas as terras da Beira. Vê-se que o mal alastra: é uma epidemie e do peor caracter.

Entrando nos dominios da musa troveira das tradições populares, dá-nos dois romances: *Conde de Allemanha* e *Dofia Silvana*.

Mas, por prohibidade, declara que esses romances, conhecidos, são meras variantes e não constituem por tanto verdadeira poesia local. O primeiro, julga-o trazido pela invasão dos povos do norte, no que discorda de Garrett. O segundo acha-o divulgado em toda a península. E eis tudo o que conseguiu tirar do pobrissimo erario poetico de Pombeiro.

Pena foi que, no tocante a tradições oraes, o auctor não referisse a lenda dos tres rios nascidos na serra da Estrella, um dos quaes é o Alva.

Tal é a resenha do livro que, no genero dos estudos historicos, é um dos mais completos que conheço.

Obras d'estas são materiaes preciosos, que os trabalhadores intelligentes, como o sr. Sanches de Frias, vão carregando para o monumento da historia.

Felicitando o auctor, cumpre-me agradecer lhe o exemplar com que me brindou.

Tondella, 4 de Julho de 1896

Eduardo Duarte.

ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui veridico

POR

H. KLEIN

(Concludido do numero antecedente)

Dito isto, relanceou ainda um olhar sobre Augusta, como se lhe dissesse:

— Então vêes?... minha cabecinha esturrada... vêes em que vem a dar as perices?

E sahio do quarto. Despiu a carinhosa Martha a sua querida menina, applicou-lhe fricção energica com uma flanella quente, e aconchegou-a depois muito bem, dentro da cama, com muito peso de roupa. Augusta sentia nos ouvidos um zumbido tão forte, doia-lhe a tal ponto a cabeça, que nem era senhora de a erguer de cima do travesseiro. Ouviu, lá em baixo, na varanda, a voz do pae, afflicto e assustado e, em seguida, as palavras que João dirigia a este, affim de o tranquilisar.

— Que rapariga esta, meu Deus! Que temeridade! Quem se lembra de ir navegar no lago com o tempo assim?

— Deixe-a lá... Ella, coitada, está innocente, retorquiu João. Que a quem deve tornar as culpas é a mim. Fui eu que a convidei a dar um passeio em barco, e tomei sobre mim a responsabilidade. Também, se não conseguisse salva-la, olhe que estava resolvido a deixar-me ir para os peixinhos.

Que nobre generosidade! Elle é que carregava com as culpas! Até lhe queria poupar as justas recriminações do papá!

D'ali a nada entra o pae, ainda assaz commovido, no quarto, a ver a filha. Ella, porém, riu-se

para elle, tão contente e satisfeita, que conseguiu socegal o de vez.

E depois d'elle sahir, a sós consigo, tornou a rir... Tinha ainda bem presente a imagem do seu redemptor, a remar com desespero para supplantar a tempestade. Não era homem para poesias nem para romantismos... lá isso é verdade, mas entretanto, era um homem ás directas, e n'aquelle peito robusto, palpitava um coração nobre e generoso, como poucos haverá. De certo não teria procedido melhor o seu cavalleiro Odoarte, quando, supplantados seus terriveis inimigos — esses féros guerreiros, esses gigantes e feiticeiros todos; esgotado no bandolim, aos pés da apaixonada Brianja, o seu vasto repertorio de xácaras e vilancicos — volvesse a emprehender façanhas dignas de seus brios. E o coração segredava-lhe, ao ouvido, que este tão energico e tão destemido manco, se um dia viesse a amar, desvendaria thesouros de ternura! Pois não tentara, ainda ha pouco, desculpa-l-a aos olhos do pae? E Augusta sentia desejo ardente, irresistivel de ouvir palpar, d'encontro ao proprio seio, o coração d'aquelle homem forte... e, tímida e assustada, toda ella estremecceu...

— Odoarte, Odoarte!... meu leal cavalleiro; balbuciou a donzella...

E, com este nome nos labios, adormeceu...

Ao outro dia, de manhã, Augusta accordou fresca e muito alegre. Não lhe fizera mal o banho frio, e podia o papá ir, socegado, tomar a sua dose costumada da milagrosa agua mineral. E lá estava outra vez, na varanda, missér João Johannisberg, que manifestou inequivocos signaes de contentamento, quando viu a donzella encher-lhe, diligente, o prato, de cogulo, e offerecer-lhe «o primeiro almoço.» Estava ainda um tanto palida, de certo; coisa alguma, porém, no seu aspecto parecia indicar que se sentisse da terrivel aventura da vespera. Era um gosto vêr o cuidado e a attenção que punha em servir o seu hospede, empenhada em ministrar-lhe os possiveis elementos, affim de entreter tão «colossal appetite.»

Estava o nosso gastronomo atarefado a valer, e ella, defronte, sentada, contemplava agora, com amavel benevolencia, o motuo-contínuo do já mencionado e descripto aparelho masticatório.

— Senhor Johannisberg, disse; tenho um favor a pedir-lhe.

— Oh! minha senhora!

— Hontem, não sei se sabe, ainda lhe tinha, por assim dizer, odio.

— Ora essa! Pois deveras, é capaz de odiar alguém?

— Creia que o odiava, a valer... E odiava-o porque ignorava todo o valor do seu nobre coração!

— Por quem é, minha senhora! Peço-lhe que não diga mais; olhe que me confunde! atalhou elle.

E para não perder tempo, lá foi cerceando alentada lasca ao dizimado prezunto.

— Tenha paciencia, ha de ouvir-me! insistiu ella, rindo; logo, porém, assumindo expressão em extremo séria, proseguiu:

— Tenho uma confidencia a fazer-lhe...

— Dirá...

— E vem a ser que as minhas opiniões acerca das circumstancias romanticas da vida ficaram, desde hontem, algum tanto abaladas.

— Assim tinha de acontecer... mais tarde ou mais cedo, replicou elle. Estimio bem, creia, que esteja curada de semelhantes illuções... e que tão pouco lhe custasse... Esteja certa de que, no futuro, haviam de vir ainda a arrancar-lhe muitas lagrimas... e bem amargas, talvez... Isto de idéas romanticas, não é feio... sim, senhora... comtanto que jámais se perca de vista a realidade das coisas... Uma menina romantica, do seu theor, minha senhora, precisa ter sempre ao pé de si um braço robusto que a defenda.

— Parece-lhe? replicou ella, rindo.

E aquelles olhos tão azues vibraram ao pobre moço um d'aquelles taes olhares... o que o obrigou a largar das mãos o garfo e a faca, e a debruchar-se sobre a meza. Instantes depois, erguendo de improviso a cabeça, exclamou:

— Se acaso o meu appellido, pelo facto de ser o mesmo d'esse tal vinho que combina tão bem com ostras, lhe não parece demasiado prosaico... diga lá: quer vir a dar pelo nome de... senhora Johannisberg?

Como resposta unica, soltou Augusta sonora gargalhada. A sua mão, porém, foi ao encontro d'outra mão, que, do outro lado da meza, alguém lhe estendia.

Já lá vae um anno, e cá está, outra vez, á beira do lago de Gmunda, este par tão acertado. Vieram sós... O papá, esta estação, foi tomar aguas a outra nascente. A filha, porém, queria, a todo o transe, tornar a vêr aquelle sitio, onde, á sua custa, aprendera a conhecer o seu amo e senhor.

Eil os ahi, ambos sentados á borda d'agua, á sombra das arvores frondosas, e o digno Ganymédes, para aproveitar tempo, não se descuidava de ir deitando a mão aqui e acolá, a tudo quanto lhe parece comestivel.

Augusta, embevecida, não despreza os olhos de cima do lago, cujas aguas fulgem á luz do sol.

— Olha! não vêes como está lindo o meu lago? Tu mesmo, comquanto sejas o ente menos romantico d'este mundo, deves confessar que achas lindissimo o meu querido lago de Traun!

O cavalleiro Odoarte seguiu-lhe o olhar, e, acenando com a cabeça, approvou.

— A vista que d'aquí se disfructa é soberba, não ha duvida, e, muito mais formosa seria, se o meu *bifstéque* de ainda agora não estivesse tão duro!

Augusta desatou a rir. E depois, tomando entre as mãos a cabeçorra do seu valente e leal paladino, beijou-o na testa.

Amava-o, assim mesmo, tal qual era, nem admitia, agora, por caso nenhum d'esta vida, que elle podesse ser d'outra forma!

Ah! cabecinhas novas, cabecinhas novas, tão cheias de idéas romanticas! Cêdo, porém, aprendereis a conhecer a prosa da vida... e a odial-a tambem... Que mais tarde, no fim de contas, com ella vos achareis e ir-lhe heis creando apêgo.

E é isto o que se está vendo por ahi todos os dias.

Pin-Sél (trad.)



REVISTA POLITICA

A questão da India, que se diluiu durante as ultimas semanas pelas columnas das folhas politicas, acabou com a ultima lagrima chorada sobre a sepultura de Raugi Ranes, raça de benemeritos que tem feito a felicidade d'aquelle paiz e do governo portuguez a que tem custado algumas vidas e não poucos vexames.

Foi em verdade deshumano que os nossos soldados o fuzilassem a elle, pobre homem inerme, que aproveitava a amnistia do governo para proseguir nas suas gentilezas, assolando as povoações pacificas, tudo por patriotismo.

E então para que se lançou para publico a amnistia?

Para não se cumprir, porque era tyrana, e antes se devia deixar a vontade os rebeldes e todos os Ranes.

Não ha remedio senão tambem vertermos uma lagrima sobre esta victima da tyrania, muito embora as ultimas noticias da India nos digam que a tal tyrania foi providencial, porque está tudo felizmente em sucego e restabelecida finalmente a ordem.

Os sentimentalistas ficaram mal d'esta vez, como quasi sempre, com as suas declamações e rhetorica estafada.

É preciso inventar outra coisa para entreter o espirito publico que é como aquelles doentes de imaginação a quem o medico, não sabendo que lhes receitar, manda tomar pilulas de miolo de pão.

Mas na epocha do anno que vamos atravessando, a politica dá pouco ou nada que fallar de si e d'ahi uma grande dificuldade para entreter as gazetas e não menor dificuldade para achar-mos assumpto para esta revista.

Fallar do banquetto do Porto offerecido ao sr. ministro das obras publicas, dos discursos que ali se produziram entre o champagne e o café, fazendo-se a apologia do governo e em que o sr. Campos Henriques pintou com as mais brilhantes cores o estado das finanças, é questão já sufficientemente discutida, que não conseguiu despertar as attentões, alem de que por este prosperar de finanças deve o paiz denovo em pouco estar a nadar em dinheiro, se é que não o está já, apesar de todas as choradeiras que vão por ahi.

A falta de melhor inventaram os jornaes da opposição umas notas do governo inglez com res-

peito a limites de territorio portuguez em Africa. Mas afinal isso tambem não rendeu nada porque, para resolver essa questão de limites, já de ha muito que partiu para Africa um encarregado do governo portuguez e o negocio está em via de resolução.

Uma outra questão entreteu por alguns dias as folhas opposicionistas e foi a da suspensão de um alto funcionario da alfandega por não dar cumprimento a uma portaria do ministerio da fazenda.

Tentou a opposição defender o funcionario, tomando o castigo á conta de perseguição e á influencia de uma companhia poderosa a quem o dito funcionario contrariara certas negociatas, mas afinal virou-se o feitiço contra o feiteiro e demonstrou-se que quem estava descontente era o funcionario, em questão, o sr. Tavares de Medeiros, por a companhia lhe não ter dado um emprego por elle solicitado!

Ainda d'esta vez a opposição perdeu o seu latim porque este caso de que queria fazer uma questão politica, ficou reduzido a uma questão miseravel e vergonhosa.

Mas para que não se passassem algumas dezenas de dias sem algum caso de effeito e sensação appareceu á ultima hora a greve dos operarios da companhia do gaz que deixou Lisboa ás escuras por algumas noites e o governo um tanto atrapalhado para dar remedio ao mal, de que aliaz não tinha culpa.

Em verdade não faltava mais nada aos governos d'esta terra do que tratarem das luzes, depois do que, só lhes resta tratar das bombas.

E entretanto as greves em Portugal fazem-se, apeas por espirito de imitação, pelo que este povo dá o cavaquinho, especialmente em se tratando de não fazer nada.

Se ha por ahi alguem que dê alguma coisinha para ajudar a viver um *prove home*, venha a greve e no ceu esteja quem fez o descanso.

Que boa idéa para os especuladores tirem partido dos pobres operarios! Para lhes impingirem discursos lisongeiros, para ganhar popularidade entre as massas, e por fim se as ditas massas precisarem de *massas* para governarem a vida e a questão desandar em pancadaria, virarem-lhe as costas, metterem-se em casa e não quererem saber do proletariado.

São os pescadores das aguas turvas, que os ha em toda a escala social.

A' hora a que escrevemos ainda não ha nada definitivamente resolvido sobre a greve, apesar de ter reunido o conselho de ministros para tratar d'este assumpto, mas parece que as coisas se vão arranjando de modo que a cidade tenha luz independente dos *grévistas*.

Não podia deixar de ser assim, n'este seculo das luzes.

Ao terminarmos esta revista, chega-nos a grata noticia de se ter resolvido a questão levantada entre a Republica dos Estados Unidos do Brazil e a Inglaterra, sobre a ilha da Trindade, e em que o governo portuguez foi medianeiro.

O governo de Portugal offerecera os seus bons officios para resolver o conflicto entre as duas polencias, e esse offerecimento foi accete, entabulando se as negociações.

Depois de escrupulosamente examinada a questão reconheceu-se o direito de soberania que o Brazil tinha sobre a ilha da Trindade, com o que o governo inglez concordou plenamente, ficando assim terminado o conflicto, alcançando a diplomacia portugueza um triumpho que muito honra a nação e o governo portuguez.

Parece-nos inutil encarecer a importancia d'este facto politico, no actual momento, e só estimaremos poder continuar a registrar factos que, como este, engrandecem a nação e a tornem respeitada, como tem direito, pela sua historia gloriosa.

João Verdades.

NECROLOGIA

O ACTOR JOAQUIM SILVA

Falleceu no Brazil o actor portuguez Izidoro Joaquim Duarte da Silva que em 29 de Maio do anno findo partira pela 2.^a vez de Lisboa, con-

tractado pelo brasileiro Juca, conhecido empresario de theatros.

Nascera em 11 de Dezembro de 1859; era natural de Lisboa e filho de Joaquim Duarte Silva e Eulalia Joaquina Silva, já fallecidos.

Seguindo a corrente de artistas que ultimamente tem procurado na grande republica sul-americana uma nova plaga de interesses, foi victima, como muitos dos nossos compatriotas, da doença endemica — a febre amarella — quando a bordo do *Grangense*, seguia viagem do Maranhão para Pernambuco.

Antes da partida, Joaquim Silva fôra atacado d'uma congestão que lhe tolhera em parte os orgãos locomotores, mas, não querendo adiar a viagem, embarcou, e no dia 3 de Julho do corrente anno chegava ao Ceará, onde o vapor se demoraria tres dias.

A difficuldade no desembarque alliada ao estado de saude ainda melindroso, não lhe permittiu, mau grado seu, acompanhar os collegas. Ficou a bordo mas, n'um esforço de animo, prometteu que no domingo 5 iria tomar parte no espectáculo.



O ACTOR JOAQUIM SILVA

FALLECIDO EM 8 DE JULHO DE 1896

Não lh'o permittiu, porém a Providencia.

Na vespera, no sabbado 8, pelas 9 horas da manhã, o nosso estimado actor comico, expirava, deixando em Lisboa na viuvez sua esposa D. Joaquina Adelaide da Silva e na orphandade, dois filhos, Amelia Josephina da Silva e Virgilio Joaquim Silva que completou seis annos em 19 do mez findo.

Como homenagem ao talento do mallogrado Joaquim Silva, o empresario Juca resolveu collocar-lhe uma lapide sobre o ataúde.

E eis no cemiterio do Ceará um actor portuguez, tão estimado principalmente das nossas plateias populares. Durante a sua carreira artistica tem creações de valor, que o enfileiram entre comicos de nomeada. Começando como amator dramatico, passou depois para o theatro D. Fernando II em Alcantara e mais tarde para o Chalet da Rua dos Condes, onde tanto se popularisou nas revistas do anno do fallecido revisteiro Francisco Jacobetty, que o empresario do theatro da Trindade, o illustre escriptor Francisco Palha, hoje extincto, o convidou a acceitar escriptura.

E foi então em peças de maior responsabilidade que Joaquim Silva, sem arlequinar os papeis que lhe confiavam, evidenciou quanto aproveitavel era o seu concurso artistico A graciosidade do

seu olhar, a simplicidade no dizer, apesar da sua voz sacrificada pela phytica de larynge, e o apropriamento da caracterisação á personagem, eram tres requisitos que effizadamente contribuiam para o agrado publico.

O seu nome de artista consciencioso está ligado ao exito de muitas peças, entre as quaes citaremos:

Moura de Silves, Homem da Bomba, Coração e mão, Moleiro d'Alcalá Nitouche, Cossaca, Orthographia, Noiva dos Girasões, O gato preto, Perichole, A filha da sr.^a Angot, Noite e dia, 28 dias de Clarinha, O Burro do sr. Alcaide, Boccacio, O pato de tres bicos, A menina do telephone, Sal é Pimenta, etc.

Joaquim Silva, como a maioria dos nossos comicos, não sahiu das camadas superiores da nossa sociedade.

Começara aprendendo o officio de estofador de carruagens, mas antes de se entregar ao culto da musa Thalia, era á arte de correio que elle se dedicava.

Que o finado artista descanse em paz.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — N.^o 5 do tomo VII.

Sob a direcção proficiente do sr. Gabriel Pereira, tem sido publicado este boletim, trazendo sempre nos seus numeros uma selecta collaboração de notavel interesse historico e artistico.

Pelo seguinte summario se pode fazer idéa dos artigos insertos no presente numero: Discurso do socio effectivo Rozendo Carvalho; Noticias da freguezia de Alcaínha, por Ascensão Valdez; A sociedade archeologica lusitana, por João Carlos de Almeida Carvalho; Pelourinho, por G. Pereira; O collar de Penha Verde, por G. Pereira, etc., etc. Uma estampa colorida representando o *collar de Penha Verde*.

Nos excerptos das actas que veem publicadas n'este numero, ha noticias de veras interessantes; a principal é a de uma proposta do já fallecido architecto Possidonio da Silva, para que os restos do celebre artista Domingos Antonio Sequeira, que estão na igreja de S. Lourenço em Roma fossem trasladados para Portugal. O venerando proponente contou a proposito algumas particularidades do grande desenhista e pintor: ainda o conheceu morando no largo do Carmo, n'um predio que fora do dr. Pinto Coelho, em frente do museu archeologico; depois mudara-se para o predio chamado do Andrade, na calçada do Arroz.

Em 1827 já não tinha escola aberta, mas, por excepção, ainda admittiu ao seu ensino o proponente. Desenhava primeiramente na pedra, variando os seus esquisos e projectos; fora assim que o vira trabalhar nos desenhos dos baixos relevos para o primeiro monumento do Rocío.

Muito para louvar será que, a direcção da illustrada associação, formulando a proposta definitiva, trate de a executar.

Parece-nos que os restos do grande artista muito bem ficariam no Pantheon dos Jeronymos, junto de Camões e Herculano.

ALMAMACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1897

Está no prélo e acceitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se d'esde já encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 7.^o